



# O sentido do trabalho

## Sarau Click leitura 2023

M


**Uma experiência para ler  
e sentir**



## Pedro pedreiro (Chico Buarque)

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem  
Manhã parece, carece de esperar também  
Para o bem de quem tem bem de quem não tem vintém  
Pedro pedreiro fica assim pensando  
Assim pensando o tempo passa e a gente vai ficando pra trás  
Esperando, esperando, esperando  
Esperando o Sol, esperando o trem  
Esperando o aumento desde o ano passado para o mês que vem  
Pedro pedreiro penseiro esperando o trem  
Manhã parece, carece de esperar também  
Para o bem de quem tem bem de quem não tem vintém  
Pedro pedreiro espera o carnaval  
E a sorte grande no bilhete pela federal todo mês  
Esperando, esperando, esperando, esperando o Sol  
Esperando o trem, esperando aumento para o mês que vem  
Esperando a festa, esperando a sorte  
E a mulher de Pedro tá esperando um filho pra esperar também

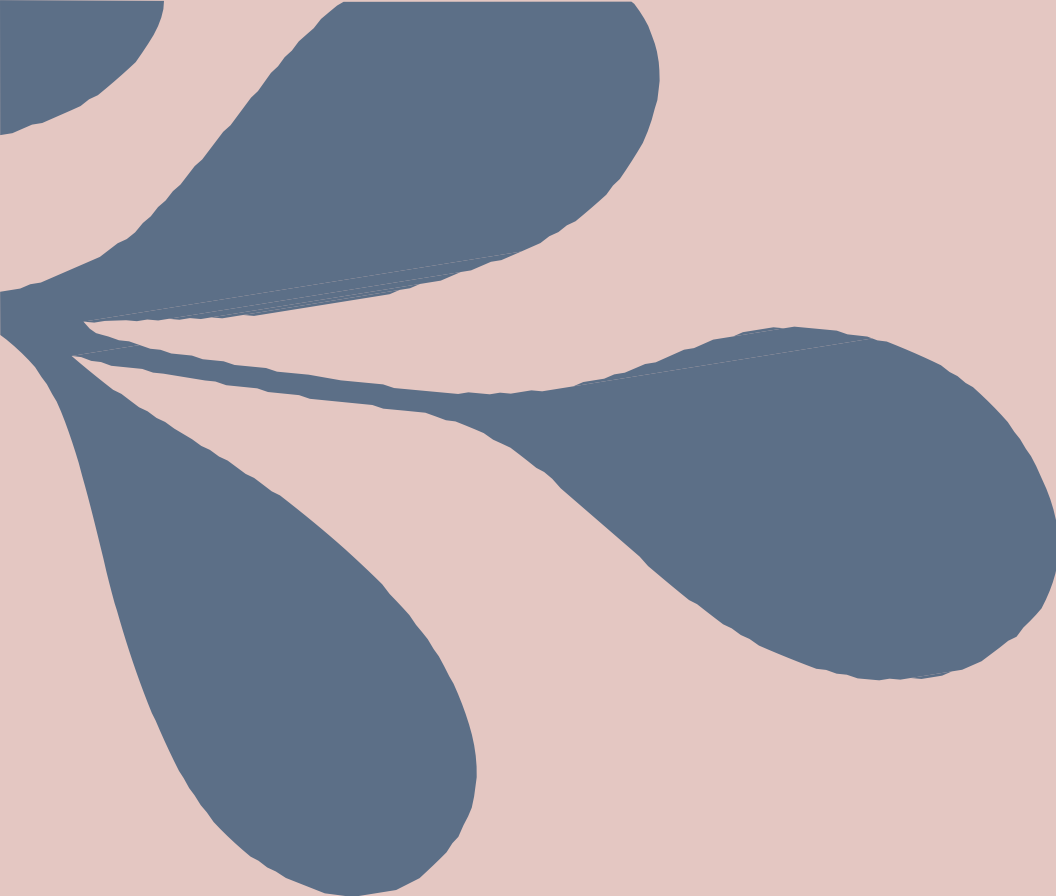
Pedro pedreiro tá esperando a morte  
Ou esperando o dia de voltar pro Norte  
Pedro não sabe mas talvez no fundo  
Espere alguma coisa mais linda que o mundo  
Maior do que o mar, mas pra que sonhar se dá  
O desespero de esperar demais  
Pedro pedreiro quer voltar atrás  
Quer ser pedreiro pobre e nada mais, sem ficar  
Esperando, esperando, esperando  
Esperando o Sol, esperando o trem  
Esperando aumento para o mês que vem  
Esperando um filho pra esperar também  
Esperando a festa, esperando a sorte  
Esperando a morte, esperando o Norte  
Esperando o dia de esperar ninguém  
Esperando enfim, nada mais além  
Da esperança aflita, bendita, infinita do apito de  
um trem  
Pedro pedreiro pedreiro esperando  
Pedro pedreiro pedreiro esperando  
Pedro pedreiro pedreiro esperando o trem  
Que já vem  
Que já vem  
Que já vem



Pedro não sabe que espera algo mais;  
mas o cansaço de esperar o sucumbe e  
ele cai no vazio, só esperando o trem e  
nada mais. E assim como tem Pedro,  
com seu desespero, tem José.

### Agora, ó Jose (Adélia Prado)

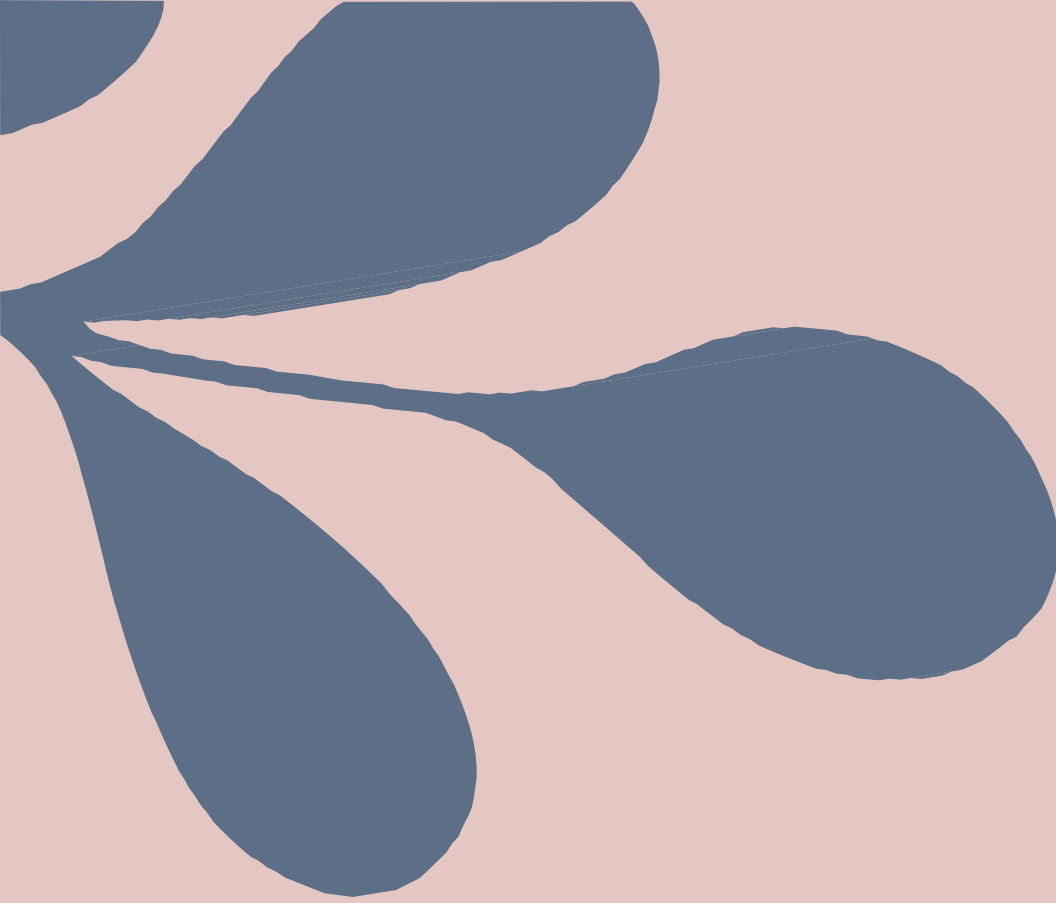
É teu destino, ó José,  
a esta hora da tarde,  
se encostar na parede,  
as mãos para trás.  
Teu paletó abotoado  
de outro frio te guarda,  
enfeita com três botões  
tua paciência dura.  
A mulher que tens, tão histérica,  
tão histórica, desanima.  
Mas, ó José, o que fazes?  
Passeias no quarteirão  
o teu passeio maneiro  
e olhas assim e pensas,  
o modo de olhar tão pálido.  
Por improvável não conta  
O que tu sentes, José?  
O que te salva da vida  
é a vida mesma, ó José,  
e o que sobre ela está escrito  
a rogo de tua fé:  
“No meio do caminho tinha uma pedra”  
“Tu és pedra e sobre esta pedra”.  
A pedra, ó José, a pedra.  
Resiste, ó José. Deita, José,  
Dorme com tua mulher,  
gira a aldraba de ferro pesadíssima.  
O reino do céu é semelhante a um homem  
como você, José.



Se tem José e Pedro no caminho, em seus descaminhos, tem Maria. Qual a sua marca? Que marca você imprime com o seu trabalho? É preciso ter força. Mas de onde vem essa força?

Maria Maria (Milton Nascimento)

Maria, Maria é um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece viver e amar  
Como outra qualquer do planeta  
Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri quando deve chorar  
E não vive, apenas aguenta  
Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria mistura a dor e a alegria  
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania de ter fé na vida  
Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria mistura a dor e a alegria  
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania de ter fé na vida



Outra mulher de força é Carolina Maria de Jesus. Em seu diário, chamado de Quarto de despejo, no dia 14 de junho, relata:

“Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes. E hoje é sábado. Os favelados são considerados mendigos. Vou aproveitar a deixa. A Vera não vai sair comigo porque está chovendo. (...) Ajeitei um guarda-chuva velho que achei no lixo e saí. Fui no frigorífico, ganhei uns ossos. Já serve. Faço uma sopa. Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei desmaiar. Então eu resolvi trabalhar porque não quero desistir da vida.”

Na pobreza da favela, com fome, Carolina chama por Nossa Senhora e de alguma forma reconhece que há beleza na vida, mesmo com toda essa circunstância. Acordava cedo para catar papel e, segundo ela, de dia “contemplava extasiada o céu cor de anil” e à noite olhava “o céu salpicado de estrelas” e dizia: “Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido.”

Interessa-nos um olhar simples que revê a vida, olha longe e busca o sentido?



## **Mural (Adélia Prado)**

*Recolhe do ninho os ovos  
a mulher  
nem jovem nem velha,  
em estado de perfeito uso.  
Não vem do sol indeciso  
a claridade expandindo-se,  
é dela que nasce a luz  
de natureza velada,  
seu próprio gosto  
em ter uma família,  
amar a aprazível rotina.  
Ela não sabe que sabe,  
a rotina perfeita é Deus:  
as galinhas porão seus ovos,  
ela porá sua saia,  
a árvore a seu tempo  
dará suas flores rosadas.  
A mulher não sabe que reza:  
que nada mude, Senhor.*

Para quê trabalhamos?  
Tocamos alguém com nosso  
trabalho?

O bonde do dom (Marisa Monte)

Novo dia

Sigo pensando em você

Fico tão leve que não levo padecer

Trabalho em samba e não posso  
reclamar

Vivo cantando só para te tocar

Todo dia

Vivo pensando em casar

Juntar as rimas como um pobre popular

Subir na vida com você em meu altar

Sigo tocando só para te cantar

É o bonde do dom que me leva

Os anjos que me carregam

Os automóveis que me cercam

Os santos que me projetam

Nas asas do bem desse mundo

Carregam um quintal lá no fundo

A água do mar me bebe

A sede de ti prossegue

A sede de ti...

“Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. (...) E a pergunta é: como escrevo? Verifico que escrevo de ouvido assim como aprendi inglês e francês de ouvido. Antecedentes meus do escrever? Sou um homem que tem mais dinheiro que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo desonesto. E só minto na hora exata da mentira. Mas quando escrevo não minto. Que mais? Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim. Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espalhados.”

Não, não é fácil trabalhar, mas podemos espalhar faíscas, seguindo no bonde do dom, que nos leva.



## Sangrando (Gonzaguinha)

Quando eu soltar a minha voz por favor entenda  
Que palavra por palavra eis aqui uma pessoa se entregando  
Coração na boca, peito aberto, vou sangrando  
Sã o as lutas dessa nossa vida que eu estou cantando  
Quando eu abir minha garganta essa força tanta  
Tudo que você ouvir, esteja certa que estarei vivendo  
Veja o brilho nos meus olhos e o tremor nas minhas mãos  
E o meu corpo tão suado, transbordando toda raça e emoção  
E se eu chorar e o sol molhar o meu sorriso  
Não se espante, cante  
Que o teu canto é minha força pra cantar  
Quando eu soltar a minha voz por favor entenda  
É apenas o meu jeito de viver  
O que é amar

## A vida bate (Ferreira Gullar)

Não se trata do poema e sim do homem  
e sua vida

– a mentida, a ferida, a consentida  
vida já ganha e já perdida e ganha  
outra vez.

Não se trata do poema e sim da fome  
de vida,

o sôfrego pulsar entre constelações  
e embrulhos, entre engulhos.

Alguns viajam, vão  
a Nova York, a Santiago  
do Chile. Outros ficam  
mesmo na Rua da Alfândega, detrás  
de balcões e de guichês.

Todos te buscam, facho  
de vida, escuro e claro,  
que é mais que a água na grama  
que o banho no mar, que o beijo  
na boca, mais  
que a paixão na cama.

Todos te buscam e só alguns te acham. Alguns  
te acham e te perdem.

Outros te acham e não te reconhecem  
e há os que se perdem por te achar,  
ó desatino

ó verdade, ó fome  
de vida!

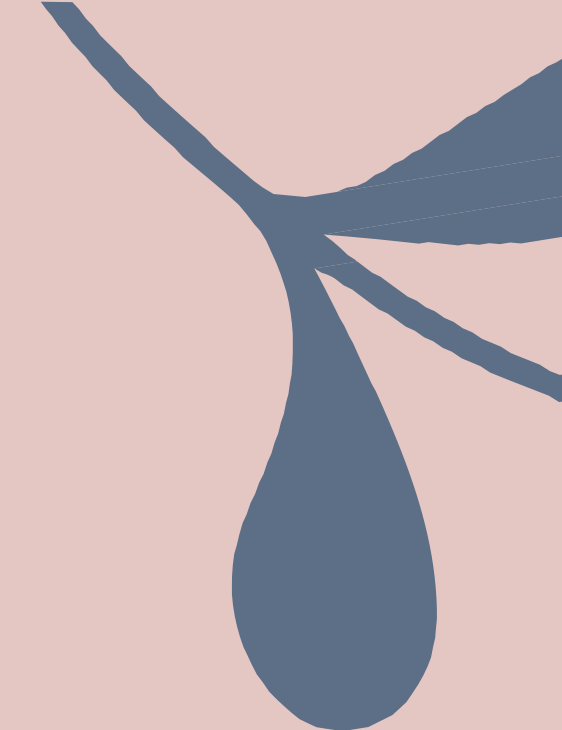
O amor é difícil  
mas pode luzir em qualquer ponto da cidade.

E estamos na cidade  
sob as nuvens e entre as águas azuis.

A cidade. Vista do alto  
ela é fabril e imaginária, se entrega inteira  
como se estivesse pronta.

Vista do alto,  
com seus bairros e ruas e avenidas, a cidade  
é o refúgio do homem, pertence a todos e a ninguém.

Mas vista  
de perto,  
revela o seu túrbido presente, sua  
carnadura de pânico: as  
pessoas que vão e vêm  
que entram e saem, que passam  
sem rir, sem falar, entre apitos e gases. Ah, o escuro  
sangue urbano  
movido a juro.



São pessoas que passam sem falar  
e estão cheias de vozes  
e ruínas . És Antônio?  
És Francisco? És Mariana?  
Onde escondeste o verde  
clarão dos dias? Onde  
escondeste a vida  
que em teu olhar se apaga mal se acende?  
E passamos  
carregados de flores sufocadas.  
Mas, dentro, no coração,  
eu sei,  
a vida bate. Subterraneamente,  
a vida bate.

Em Caracas, no Harlem, em Nova Delhi,  
sob as penas da lei,  
em teu pulso,  
a vida bate.  
E é essa clandestina esperança  
misturada ao sal do mar  
que me sustenta  
esta tarde  
debruçado à janela de meu quarto em Ipanema  
na América Latina.

Que a clandestina esperança nos alcance. Nós, que somos tantos Pedros, Josés, Marias, Carolinas, Antônio, Franciscos. Mas sobretudo somos um Eu e não estamos sozinhos. Que as nossas obras se desenvolvam em companhia no caminho com tantas pedras, mas com fome de vida.

UMA EXPERIÊNCIA PARA LER E SENTIR.

Vagas limitadas

**18/11**  
de 15h30 às 18h

**Via Zoom**  
Sábado

**5º**  
encontro

### Jornada de leitura do livro "Felicidade Clandestina".

Neste encontro vamos ler os contos  
"Cem anos de perdão" e "As águas do mundo".

**Inscriva-se**



**Click no link e  
inscreva-se:**

[https://www.sympla.com.br/click-leitura-dialogar-contos-cem-anos-de-perdao-e-as-aguas-do-mundo-clarice-lispector\\_2169358](https://www.sympla.com.br/click-leitura-dialogar-contos-cem-anos-de-perdao-e-as-aguas-do-mundo-clarice-lispector_2169358)

 Click  
leitura

# QUEM VIVEU A EXPERIÊNCIA, INDICA.



**Adriana Remédio**  
Professora da  
educação básica,  
Belém/PA

Participar do Click Leitura despertou-me o olhar para o universo humano, intenso e maravilhoso que é a leitura literária.

Sempre carregando um sentido para os acontecimentos aparentemente banais da vida.

A metodologia abordada ajudou-me a fazer uma imersão a algo mais profundo, através do conto “Amor” da Clarice

Lispector, conectando-me a uma diversidade de linguagens: musical, poética, teatral e dramática que aguçaram a minha necessidade de expressão de mais beleza e com a percepção de algo além, dentro do viver, o cotidiano, que fica na essência.



**Mariana Gontijo Ramos**  
Bióloga e professora  
universitária, Belo  
Horizonte/MG

As atividades e as interações incrementaram muito a maneira de se observar, interpretar, absorver e compartilhar a leitura. Os jogos foram importantes para abrir a maneira de perceber a mim mesma, e, assim, mesmo indiretamente, a minha relação com a leitura e com as pessoas. As discussões foram extremamente ricas e produtivas, e estimulantes para induzir cada vez mais questionamentos, novas percepções e interpretações, diferentes pontos de vista, o que torna o processo de leitura cada vez mais motivador.

O melhor de tudo é ter cada vez mais dúvidas, perguntas e diferentes percepções. Para mim é isso que faz uma leitura rica, sua capacidade de construir novas ideias e transformações.

A vivência do curso também proporcionou, com cuidado e confiança, a chance de entrar em contato com aspectos e questões da minha própria vivência, história pessoal, relações e emoções. Com a minha maneira de perceber e lidar comigo mesma, com o outro, com o mundo. E o melhor de tudo, a oportunidade de poder compartilhar com pessoas tão interessantes, com profundidade e acolhimento.

Agradeço muito pela dedicação e empenho, por poder conhecer esse trabalho maravilhoso, e espero poder participar novamente das atividades oferecidas!



**Lidiane de  
Almeida Barbalho**  
Psicóloga, Belo  
Horizonte/MG

Sempre descubro novos olhares sobre a leitura com o Click Leitura.

O jogo, com seu recurso lúdico, possibilitou me soltar e entrar em conexão.

A discussão amplia minha visão e interpretação sobre a leitura. O que me faz refletir sobre minha experiência pessoal.

Esse curso é muito bem planejado, tem um propósito original e inovador, e é uma combinação perfeita do potencial da psicologia e da Literatura.



**Click  
leitura**

**Converse conosco!**



**@clickleitura**



**clickleitura@gmail.com**



**Jordana:**

**(31)99819-2268**

**Viviane:**

**(31)99785-5536**

